



## Crítica literária e Psicanálise

### Contribuições e limites<sup>1</sup>

CLEUSA RIOS  
PINHEIRO PASSOS

Universidade  
de São Paulo

#### Resumo

O artigo sublinha aspectos das *confluências* entre *Crítica literária* e *Psicanálise*. Polêmica, esta linha de pesquisa depara-se com a precaução de respeitar as singularidades do literário, preservando as marcas do "outro saber". Aqui, a trajetória se sustentará tanto na busca de limites e contribuições da Psicanálise para a leitura da obra artística, quanto no rastreamento de traços históricos que constituem as relações visadas na literatura brasileira. O recorte escolhido foi parte da fortuna crítica de Machado de Assis – mestre nos "mistérios d'alma" e objeto de pesquisadores de várias décadas, já preocupados com as referidas confluências.

#### Abstract

This article foregrounds aspects of the confluence between Literary Criticism and Psychoanalysis. Polemical, this line of research seeks to respect the uniqueness of the literary, preserving the marks of the "other knowledge". The course taken here implies searching the limits and contributions of Psychoanalysis for the interpretation of the work of art as well as tracing the historical traits which constitute the relations aimed at in Brazilian literature. We have chosen part of the criticism about Machado de Assis – master of the "mysteries of the soul" and the object of scholars who, along different decades, were already worried about the confluence mentioned above.

#### Palavras-chave

Crítica literária e  
Psicanálise;  
confluências; traços  
históricos; crítica  
literária brasileira;  
Machado de Assis.

#### Keywords

Literary Criticism  
and Psychoanalysis;  
confluences;  
historical traits;  
brasilian literature's  
criticism; Machado  
de Assis.

## Literatura e Psicanálise: os "mistérios da alma"

O tempo e seus desdobramentos – uma das razões deste número de *Literatura e Sociedade* – permitem olhares mais aguçados sobre trajetórias de estudos que integram o DTLLC. Uma delas, sobretudo a confluência entre Crítica literária e Psicanálise merece ser recobrada do ponto de vista de sua própria história, ao longo de quase um século. Pouco divulgada, mas geradora de sedução, recusas, temores etc., essa linha de pesquisa vem ganhando espaço na apreensão de ângulos específicos de textos ficcionais e poéticos, alterando-se gradativamente o modo de enfocá-la, conforme a busca (maior ou menor) de sua adequação teórica à leitura do trabalho artístico.

Embora Freud tenha reconhecido, em passagens esparsas, o estatuto da criação literária e seu misterioso fascínio, não deixa de se valer de uma segunda perspectiva, apropriando-se do vasto conhecimento humano que ela acumula para justificar alguns avanços e sistematizações de questões psíquicas. Seus sucessores nem sempre observam o respeito à inexplicabilidade do estético, optando pela outra postura e acabando por transformar o literário em exemplos patológicos, comprovações de complexos ou diagnósticos nos quais vinculam criação e biografia dos autores. Tal visão gera sérias restrições às convergências aqui rastreadas, pois se ignora a luta com a palavra inventiva, a representação, o pacto ficcional etc.

Ora, a fim de validar essas relações entre Crítica literária e Psicanálise não se pode esquecer tradição, culturas distintas, singularidade, outra lógica temporal e, em particular, as amplas produções de sentido engendradas pela elaboração verbal, no ato lúdico de enredar os dois campos. A linguagem suscita imagens, reflexões, resiste ao estabelecido, transgride interditos, reconstrói histórias, empresta vida a cenas fictícias, insinuando, inclusive, a impossibilidade de tudo ser dito. Ela comporta saberes sobre os homens, dando margem a um jogo dual: se estes a "trabalham" são igualmente "trabalhados" por ela.

Sem dúvida, as propriedades elencadas apontam semelhanças que sustentam aproximações entre Crítica literária e Psicanálise, contudo há diferenças a serem consideradas e a mais significativa, a meu ver, concerne à natureza de cada uma: a Literatura é arte e sua crítica deve preservar tal característica, enquanto a Psicanálise se delinea como teoria(s) – também ligada(s) à cultura –, método investigativo e prática clínica, oriunda de uma concepção singular de sujeito. Criando associações que deixam entrever analogicamente (ou não) traços do inconsciente, ambas, por meio da palavra, *capturam* o desejo,

cos dessas relações (privilegiando-se a presença de Freud), e redundará também numa leitura mais aprofundada de D. *Casmurro*. Para compô-lo tive acesso a textos bibliográficos, às vezes bastante raros, sugeridos ou fornecidos por pesquisadores a quem agradeço, entre eles, Erwin Gimenez Torralbo, Gilberto Pinheiro Passos, Renato de Araújo Cruz e Sueli Corvacho. Agradeço, igualmente, ao incentivo da psicanalista Maria Ângela G. Moretzsohn e à cuidadosa leitura de Sonia Sachs.

1 Este texto fez parte do Seminário "Freud: Conflito e Cultura", organizado pelo MASP e pela Sociedade Brasileira de Psicanálise em outubro de 2000; integra um trabalho mais vasto sobre a presença de subsídios psicanalíticos na literatura brasileira e traços históri-



bem como reelaboram o que se denegava ou se pensava esquecido, reconstruindo memórias, revisitando tradições e história.

Mantendo, por um lado, fins e formas distintas, por outro, os dois saberes reconstituem épocas e espaços, dão voz a sujeitos, rearranjam roteiros e experiências, distanciando-se no que se mostra peculiar a sua natureza. Para o próprio Freud, a Literatura permite obter, muitas vezes, efeitos mais inquietantes do que a vida<sup>2</sup>, pois a forte representação da existência, a apropriação transfigurada de conhecimentos diversos e “expedientes” verbais inusitados não só ultrapassam autores, mas rompem fronteiras espaço-temporais. Semelhante à Psicanálise, ela revela outra lógica, igualmente inapreensível, já que dotada de elevados graus de liberdade alcançados pela invenção artística, exímia transgressora de códigos e valores cristalizados.

Aqui, a opção principal é perseguir as maneiras de focalizar o literário por alguns psiquiatras, críticos e leitores, desde o início do século XX, estabelecendo recortes, em função da amplitude do assunto. Logo, a partir de escolhas marcadas por um olhar preciso que procura sublinhar algo do movimento histórico das confluências serão acompanhadas as perspectivas iniciais, apoiadas na psicanálise, e suas sucessivas mudanças – aspectos responsáveis, direta ou indiretamente, pelas contribuições atuais na abordagem do literário.

À guisa de exemplo, lembro os ganhos teóricos obtidos pela Crítica genética, embora o eixo visado seja o alcance interpretativo, propiciado por *subsídios psicanalíticos*, no interior de obras dadas como prontas. No entanto, procedendo, ainda, a recortes, será privilegiado Machado de Assis e sua fortuna crítica – em especial os momentos nos quais afloram as mencionadas convergências – porque sua história literária vincula-se a um aspecto fundamental ao ensaio: ele é um dos primeiros autores brasileiros a serem lidos por psiquiatras e pesquisadores que, sabedores da existência de traços “psicológicos” na ficção, consideraram a riqueza polissêmica dos textos machadianos adequada *também* a esse tipo de enfoque. Justifica-se, portanto, que os escritos concernentes à produção de nosso autor estejam entre os que contêm, a um tempo, a presença “inaugural” da teoria freudiana na Crítica literária brasileira e sua continuidade até nossos dias. Com seus equívocos e acertos!

### A obra machadiana e a Psicanálise: fecundas confluências

Cabe sublinhar que, desde *Ressurreição*, romance de estréia em 1872, Machado declara na “Advertência”: “Não quis fazer romance de costumes; tentei o esboço de uma situação e o contraste de dois caracteres; com esses simples elementos busquei o interesse do livro [...]”. A relação se faz, aí, talvez com um de seus mestres, Stendhal, dedicado aos

vínculos entre homem e sociedade e autor de um “tratado psicológico”, *De l’amour* (1822). Por outro lado, os traços “psicológicos” da criação machadiana remontam a leituras pessoais diversas, levantadas por estudiosos preocupados em inventariar o que restou de sua biblioteca; a parte conhecida contém Hegel, várias obras de Schopenhauer e E. von Hartmann, pensador pouco divulgado no Brasil em fins do século XIX<sup>3</sup> – todos expressivos para hipóteses filosóficas sobre a noção de inconsciente. Outras fontes importantes são os moralistas franceses, entre eles La Rochefoucauld (“quem vive sem loucura não é tão sábio quanto acredita”) e La Bruyère. As leituras de Machado reforçam seu fascínio pela interioridade, pelos “mistérios da alma”, configurando-os literariamente, não só por meio de perfis complexos, mas também por procedimentos-chave, tais como lapsos, chistes, deslocamentos, condensações etc., além de revelar invejável erudição e manejo do verbo.

O percurso interno de tal invenção destaca a força de um de nossos maiores ficcionistas, contemporâneo de Freud que, sem o ter lido (?), cria uma obra favorável às ligações com o saber psicanalítico. Citando um dos tantos exemplos possíveis, recobro “Cantiga de Esponsais”, integrante de *Histórias sem data* (1884), conto no qual um velho regente paroquial luta em vão para compor, nos dias subseqüentes a seu casamento, um “canto esponsalício”. Próximo da morte, o desejo retorna com intensidade, sobretudo porque reúne as lembranças da mulher morta à visão de “dois casadinhos” recentes. De novo, a inspiração não o ajuda e ele rasga as notas esboçadas, quando ouve a moça “cantarolar à toa, inconscientemente, uma coisa nunca antes cantada nem sabida, na qual coisa um certo la trazia após si uma linda frase musical, justamente a que mestre Romão procurara durante anos sem achar nunca”. Desolado, expira nessa noite.

Respeitando-se as acepções de época do termo “inconsciente” (vinculadas a profícuas preocupações filosóficas e pesquisas médicas) que permitem outro viés interpretativo, fica difícil resistir à tentação de pontuar a modernidade de Machado e lê-lo à luz de nosso tempo. O

<sup>3</sup> Cf. a separata da *Revista do Livro* (21-22) de Jean Michel Massa sobre *La bibliothèque de Machado de Assis*, Rio de Janeiro, MEC/INL, 1961 (p. 200 e 227).

<sup>4</sup> Cabe esclarecer que a noção de “inconsciente”, proposta pela metafísica alemã, expande os estudos filosóficos sobre o assunto, criando um meio propício ao reconhecimento da “atividade inconsciente” e favorecendo o estabelecimento da história do conceito sistematizado por Freud. Não caberia, neste artigo, uma análise sobre fatos do “psiquismo”, da “consciência” e seus elos com o “inconsciente”; o intuito é assinalar que, anteriormente ao pensamento freudiano, pesquisas relativas à questão já estavam em andamento – embora envolvidas em problemas epistemológicos e precárias quanto a noções específicas – constituindo base de apoio para o trabalho do psicanalista vienense. Basta lembrar seu contato com as teses de Charcot (Salpêtrière) e Bernheim (Nancy) e posterior afastamento. De modo geral, a palavra “inconsciente” já aparece em dicionários de época no Brasil, comportando acepções diferentes da freudiana, mas já indicativas de alusões de uma vida psíquica não inteiramente conhecida pelo indivíduo. Citamos os mais correntes; o de

<sup>2</sup> Ver o ensaio de Freud, “L’inquiétante étrangeté” (1919), *Essais de psychanalyse appliquée*, Paris, Gallimard, 1973, p.163-210.



fato de a personagem “cantarolar à toa” se agrega ao advérbio “inconscientemente” e, para além disso, ao “não sabido”, expressão literal e recobrada numa indefinível palavra – “coisa” – que ocupa o lugar de algo indizível, substituto do objeto desejante de Romão. A jovem esposa ignora a importância da frase musical e o preço pago pelo regente: a irônica realização do desejo pessoal, antes da morte, na voz de outro – precisamente uma voz feminina, representante metonímica daquela que motivara a cantiga – transfigurada em compositora alheia ao valor de tal ato.

Pelo exemplo dado, o bruxo do Cosme Velho manipula os feitiços do verbo como poucos, estendendo seus efeitos até hoje; daí a relevância de seus textos como lugar de convergências... Dentre eles, parece propícia a escolha de *Dom Casmurro*<sup>5</sup>, cuja publicação ocorre, coincidentemente, em fins de 1899, sendo divulgada em 1900 – à semelhança de *A interpretação dos sonhos* de Freud. O fato não deixa de ser provocador, se recordarmos que ambos desconfiavam dos “acassos” e, atentos a eles, tornavam-nos suportes de muitos de seus escritos. Como aqui se buscam conexões, convém assinalar que, embora sublinhadas por muitos, elas não ganharam ainda estudos relevantes e explícitos, no conjunto da crítica machadiana.

De certo modo, tal lacuna é compreensível. Indiscutivelmente, aspectos históricos e sociais não podem ser ignorados, constituindo-se, aliás, em vertentes mais constantes sobre a produção do autor. O ideal seria relativizar posturas estabelecidas, ampliando pontos de vista. O aporte teórico da Psicanálise está entre os que o podem fazer; contudo, sua presença em interpretações precárias e lacunares resultou conflitante, durante algumas décadas.

Desde os românticos, parte de nossa crítica volta-se para leituras ancoradas em valores históricos, à procura da nacionalidade; parte dela preocupa-se com questões de ordem retórica e textual, cabendo não esquecer a força das indagações sociológicas na história dessa atividade crítica. Agora, no que concerne à Psicanálise, equívocos das visões iniciais, norteados por eixos ditos “psicológicos”, contribuíram para

Antonio da Silva Morais *Dicionário da Língua Portuguesa* (v.2). Lisboa, Typographia de Joaquim Germano de Souza Neves Editor 1878. (156), que nos fornece as seguintes acepções do termo e suas derivações: “inconscientemente; adv. com inconsciência” // inconsciência (psych.) falta de consciência, de percepção de certos actos moraes ou intellectuaes” // inconsciente (psych.): que não tem consciencia de si mesmo, de seus actos moraes ou intellectuaes. Que se faz sem consciencia”. O segundo a merecer relevo é o de Caldas Aulete, *Dicionário Contemporaneo da Língua Portuguesa* (v.2). Lisboa, Antonio Maria Pereira, 1905, que nos apresenta as noções de: “inconscientemente: adv. de modo – inconscio; inconscientemente”. // “inconsciencia: (psychol.) – falta de consciencia, de percepção de certos actos moraes ou intellectuaes. Ausencia de imputação ou de alcance moral no acto que pratica. // (Med.) Estado pathologico, commum a varias doencas, em que o enfermo não tem consciencia de que se lhe passa em redor. Acção que a consciencia reprova.”

<sup>5</sup> Para o estudo de *Dom Casmurro* foi utilizado o volume das *Edições críticas de obras de Machado de Assis* (12), Rio de Janeiro, MEC/Civilização Brasileira, 1975.

que se manifestassem justas contestações a tal viés e, paralelamente, inúmeros preconceitos em torno dele.

Trabalhos em geral extremamente comprometedores e inadequados para a literatura deram margem a controvertidas e redutoras interpretações; em contrapartida, mostraram-se significativos tanto para registrar a presença histórica de Freud – numa área cultural que o seduzia – quanto para determinar o princípio de uma linha de pesquisa no Brasil que, apesar dos deslizes naturais, vem gerando reflexões fecundas.

### Algumas confluências na literatura brasileira

Um breve histórico sobre a questão aponta que estudiosos do início do século XX, inclinados às aproximações entre os dois saberes, transformaram as obras literárias em ilustrações das mais diferentes patologias. Restringindo-me a observações sobre Machado, cito o médico Luiz Ribeiro do Valle que, em dois livros consecutivos, se apropria de autores nacionais e estrangeiros para enfocar personagens como “casos” psiquiátricos. Em 1917, defende como tese e publica *A psychologia mórbida de Machado de Assis*<sup>6</sup>, centrando-se em narrativas menos extensas (“Trio em lá menor”, “O alienista” etc.) e romances (*Yayá Garcia*, *Quincas Borba* e *Brás Cubas*). Apoiado, particularmente, nas idéias de Pierre Janet não deixa, entretanto, de mencionar Freud para abordar o sonho de uma personagem que confirmava a teoria da *Interpretação dos sonhos*, citando literalmente que “o sonho seria a realização disfarçada de um desejo reprimido”. Os pesquisadores atuais, dispostos a reconstruir a história da Psicanálise, atribuem importância fundamental aos modernistas e aos escritos dedicados às obras literárias – como os de Ribeiro do Valle –, fontes de difusão do pensamento freudiano entre nós.

No livro de 1921, *Certos escriptores brasileiros psycho-pathologistas*<sup>7</sup>, as noções freudianas recebem força maior, embora ainda persista, intensa, a contaminação da psiquiatria. Ao lado de vários autores da época, Ribeiro do Valle volta aos diagnósticos e revisita brevemente Machado. À guisa de exemplo, se, na primeira obra, considera Rubião (*Quincas Borba*) *neurastênico*, Virgília (*Memórias póstumas de Brás*

<sup>6</sup> Só nos chegou em mãos a 2a. edição do texto, publicado no Rio de Janeiro, Tip. Lith. Pimenta Mello & C., 1918. Contudo, sabe-se que Ribeiro do Valle defendeu, inicialmente, o trabalho como dissertação na Faculdade de Medicina (área de Psiquiatria) do Rio de Janeiro, em dezembro de 1917, tendo sido divulgado no mesmo ano pela Typ. Do Jornal do Commercio, de Rodrigues & C. no Rio de Janeiro.

<sup>7</sup> Segunda obra do autor sobre literatura, editada por Lith. Pimenta de Mello & C.-Sachet, 34, compõe com a anterior publicações raras e importantes para a história da Psicanálise e a presença de Freud no Brasil. Conforme alguns especialistas, os meios literários teriam sido mais abertos ao pensamento freudiano do que os psiquiátricos. Daí, o interesse em textos analíticos pouco relevantes para a literatura, porém de grande valor para os historiadores da Psicanálise. Sublinho aí outra função das confluências, encaradas sob olhar bastante diverso, mas valioso para o outro campo.



Cubas) *histérica* e o próprio ficcionista portador de manifestações de *loucura maniaco depressiva*, na segunda, recobra a análise anterior de “O alienista”, valorizando a descrição de um manicômio e a argúcia da personagem Fortunato de “A causa secreta” (*Várias histórias*), diagnosticado como *sádico estranho*. Ironicamente, o divã não conviria a nenhuma das figuras, pois são personagens e nosso Machado já morrera... Impossível o processo transferencial, cabendo as associações apenas ao leitor, sem o diálogo textual necessário à boa interpretação.

Em 1930, outro equívoco de leitura interdisciplinar reitera o foco anterior. A obra *Machado de Assis e a Psychanalyse*, escrita por Américo Valério<sup>8</sup>, mistura conceitos freudianos e psiquiátricos, determina complexos e diagnósticos e estabelece a difícil relação entre vida e obra. Machado seria *portador latente de psychose epiléptica* e, semelhante a *individuos anormaux*, também demonstraria tendências *scientífico-artístico-litteraris*. Além das ligações entre “anormalidade” e arte – algo a que Ribeiro do Valle alude, recuando depois ao argumentar que a Psiquiatria não tinha uma palavra definitiva sobre a questão –, Américo Valério, bem menos cauteloso, percebe as idéias delirantes, as alucinações e – em suas palavras – as *dissociações de consciência e de personalidade* nas personagens Quincas Borba, Luís Garcia e Brás Cubas, como *decalques exactos do próprio Machado de Assis*.

Grosso modo, pode-se dizer que Ribeiro do Valle privilegia a patografia e Américo Valério, a psicobiografia. Ainda que irrelevantes para a perspectiva literária, a favor de ambos está o reconhecimento de noções freudianas na abordagem de Machado de Assis, a ponto de Valério considerar o autor um *antepassado de Freud*. Cabe, ainda, consignar que, análogos a sucessores europeus do mestre vienense, outros psiquiatras, dentre eles Artur Ramos e Durval Marcondes<sup>9</sup>, demonstravam interesse pela literatura, contudo poucas vezes alcançaram sublinhar as peculiaridades de sua natureza ou as precauções do próprio Freud que, em artigos pontuais, tenta preservar o mistério da

“forma artística”, sugerindo a melhor trajetória para as intersecções aqui visadas<sup>10</sup>.

Posteriormente, vários críticos expressivos, como Lúcia Miguel Pereira ou Augusto Meyer, valeram-se de conceitos freudianos no trabalho de ler Machado. Nada muito confesso, entretanto. As noções se diluem – o que, de certa forma, é bom para as duas disciplinas, pois se esvanecem afirmações categóricas e ganham espaço confluências, ainda vagas a serem recobradas ao longo do tempo. Lúcia Miguel Pereira, em 1936, publica *Machado de Assis: estudo crítico e bibliográfico*<sup>11</sup>. Sem alusão explícita a Freud, seu livro assinala uma das dúvidas mais significantes de *Dom Casmurro*: “saber se a Capitu da praia da Glória (a esposa “adúltera” para Bentinho) já estava dentro da de Matacavalos” (a adolescente determinada das páginas iniciais do livro).

Analogicamente, em termos psicanalíticos, Lúcia sublinha, numa personagem, a problemática construção da história de cada um, concluindo que “de todo o sofrimento das suas criaturas, ele [Machado] extraiu um problema de psicologia – e talvez mesmo de hereditariedade”. Apesar do perspicaz “talvez” de sua última frase, a biógrafa deixa aos leitores a tarefa de se haver com uma posição polêmica: indiscutível a presença de questões psíquicas nos seres machadianos, a dúvida ocorre nas de “hereditariedade”... Parece serem revividas aqui as hesitações de muitos estudiosos diante de transições, marcadas pela oscilação entre o saber estabelecido e traços teóricos mais complexos, ainda dependentes de sistematizações.

É preciso deixar consignado que livros controversos sobre o autor continuaram a vir à luz, mesclando-se noções de Psicanálise e Psiquiatria, diagnósticos e relações biográficas, etc. Destacando apenas um deles: em 1938, Peregrino Júnior (médico e jornalista) publica *Doença e constituição de Machado de Assis*<sup>12</sup>, mencionando Freud e alguns de seus discípulos, em três passagens, das quais uma merece relevo. Atento aos originais de *Memorial de Aires* e *Esau e Jacó*, Peregrino conclui que as mudanças e emendas na grafia dos nomes das personagens femininas seriam “lapsos com um sentido profundo, que Freud explicaria sem dúvida[...]”. Repetindo, em ponto menor, os psiquiatras anteriores, os lapsos são associados a “recalques e complexos” do autor que *os movimentos da escrita nem sempre conseguiam esconder completamente*.

<sup>8</sup> A obra de Américo Valério foi publicada pela Typ. Aurora H. Santiago, Rio de Janeiro, 1930.

<sup>9</sup> Aliás, não se pode esquecer que dois renomados psiquiatras dos anos 20, interessados no ensino da Psicanálise, Franco da Rocha e seu sucessor Durval Marcondes, vêm suas iniciativas “abafadas” por correntes opostas. Persistente, o segundo consegue, somente em 1937, a instauração do trabalho pioneiro de análise clínica com a chegada da emigrante Dra. Koch, formando-se o primeiro “núcleo psicanalítico da América Latina”. A partir daí, as investidas são dirigidas à IPA para que o Grupo obtivesse reconhecimento, algo alcançado apenas em 1951. Cumpre lembrar que, em 1926, Marcondes defende uma tese para o concurso de cátedra de literatura do Ginásio do Estado, resultando o ensaio “O simbolismo Estético na Literatura”. Artur Ramos, igualmente preocupado com questões da Psicanálise no Brasil, lança no mesmo ano *Augusto dos Anjos à luz da Psicanálise* (Anais Médico-Sociais da Bahia, n.2.). A literatura parece revelar-se um espaço amplo para a manifestação de outros saberes e reconstrução de parte de suas histórias – ainda que o reducionismo de tais enfoques empobreça, por vezes, traços estéticos peculiares a nosso objeto.

<sup>10</sup> Dentre os ensaios voltados para o literário, não se pode deixar de mencionar o que, a meu ver, é o melhor no que concerne a essas relações, pois envolve literatura, mitologia, tradição literária e psicanálise. Trata-se de “Le thème des trois coffrets” (1913), *Essais de psychanalyse appliquée*, Paris, Gallimard, 1973, p.86-103.

<sup>11</sup> A primeira edição de *Machado de Assis (Estudo crítico e biográfico)* foi realizada em São Paulo pela Cia. Ed. Nacional; utilizamos aqui a 5ª ed., pertencente à Livraria José Olympio, Rio de Janeiro, 1955.

<sup>12</sup> Essa obra de Peregrino Jr. foi lançada no Rio de Janeiro, Editora José Olympio, 1938. Consultamos, entretanto, a 2a. ed., 1976.



Todavia, o artigo de Peregrino assinala algumas constantes de Machado as quais Mário de Andrade – tão lembrado em se tratando de conceitos freudianos desde o início do Modernismo – vai recuperar, em 1939, num discutível artigo para o *Diário de Notícias*. Nele, importa, sobretudo, a constatação de que o crítico modernista continua preocupado com o dado psíquico, em meio a outros, incorporando-o ao estético. Ao tratar de Capitu, a propósito de uma “lebre” levantada por Peregrino, afirma: “A descrição dos olhos, do que fazem e do que dizem é elemento especialmente de ordem psicológica [...] e a contínua citação e descrição deles na obra de Machado de Assis não me parece provar nenhuma peculiaridade temperamental, como é o caso da preocupação pelos braços.[...]é necessário, portanto, selecionar “o que é lugar comum e o que é excepcionalidade na caracterização do olhar”<sup>13</sup>.

Mais feliz que Peregrino Jr., em 1947, Augusto Meyer produz dois artigos preciosos para nosso fio, “Da sensualidade na obra de Machado” e “Capitu”<sup>14</sup>. Ao tratar do primeiro, declara literalmente: “Para o psicanalista, quantos meandros pré-freudianos perdidos, como risco de molde, no labirinto caprichoso dessa obra... Quase todos marcavam o rumo certo de uma intuição, transformada mais tarde em matéria de estudo psicológico[...]”. Na conclusão do segundo ensaio – “Capitu” –, Meyer pontua a propósito do autor “um dos seus achados essenciais em matéria de psicologia: a duplicidade que se automatiza e se torna mais espontânea do que premeditada, quase reflexiva e inconsciente, como as atitudes condicionadas à reação defensiva”. Conforme se observa, a terminologia da Psicanálise adentra discretamente a Crítica literária, num ensaísta que integra diversas correntes críticas.

A leitura de Freud aí se revela como algo já disseminado e fundamental para a interpretação de certas facetas do texto literário. Entretanto, o pensamento freudiano é ainda recente e polêmico no próprio meio “psiquiátrico”, justificando, em parte, a oscilação entre avanços e recuos de alguns pesquisadores. A sensibilidade de Meyer representa os primeiros, opondo-se, por exemplo, a Hécio Pereira da Silva e seu Machado de Assis (*A megalomania*), escrito entre 1948/1949<sup>15</sup>, com o intento expresso de “identificar o autor através da obra”, defendendo a idéia segundo a qual a pobreza do autor o faz meter-se “na pele de alguma personagem abastada”.

Centrando-se em Brás Cubas, personagem na qual a megalomania de Machado se evidenciaria intensa, algumas linhas são dedicadas

a Bentinho, símbolo da “infância confortável, mimada e, sobretudo, bem educada” que o mestiço, filho de lavadeira e de um pintor de paredes, gostaria de ter vivido. Na esteira da crítica, Hécio Pereira reconhece a importância de seguir o *rastros psicológico* – embora de maneira irrelevante – já que procura demonstrar a obra de Machado como *super-compensação psicológica* de sua epilepsia, gagueira, recalques da alma etc., valendo-se de elementos da teoria freudiana retomados ou contestados por Alfred Adler. Conforme se vê, se há unanimidade em relação às confluências entre Crítica e Psicanálise, é necessário perceber graus de adequação e coerência no objeto literário escolhido, fator determinante para que o “rastros” a perseguir não torne a obra reflexo de desejos pessoais ou de outros conhecimentos, nem obscureça o conjunto de sua criação, plena de sentidos a merecerem olhares diversificados.

### A Psicanálise “em fala de pobre, linguagem de em dia-de-semana”

Na década de 1960, Dante Moreira Leite parte de um dos recursos utilizados por literatos mais recentes, no prefácio de sua obra *Psicologia e literatura* (1964)<sup>16</sup>, esclarecendo que evita jargões, ao advertir: “escrevi na linguagem que uma personagem de Guimarães Rosa denominou “fala de pobre, linguagem de em dia-de-semana” (“Famigerado”/ *Primeiras histórias*). Nesse livro, além de um ensaio dedicado a Freud, o crítico discute aspectos de *Dom Casmurro*. Detendo-se em sua renomada ambigüidade, trata os ciúmes de Bentinho como um “processo de projeção e assinala que na ficção machadiana a escolha afetiva só é adequada quando existe uma semelhança fundamental nas características psicológicas”.

Em tal direção, evitando igualmente jargões e articulando elementos estéticos, filosóficos e sociais, Antonio Candido mostra leitura de Freud, em “Esquema de Machado de Assis”, publicado em *Vários escritos* (1968)<sup>17</sup>. No artigo, não apenas o psicanalista é literalmente citado, enquanto possível apoio teórico, para a apreensão do enigma de um conto (“Singular ocorrência”/ *Histórias sem data*), mas também são levantadas questões reveladoras de encontros importantes entre a prosa machadiana e a Psicanálise, conforme se pode ler: “Se a fantasia funciona como realidade, se não conseguimos agir senão mutilando o nosso próprio eu, [...] se estamos condenados a não atingir o que nos parece valioso – qual a diferença entre o bem e o mal, o justo e o injusto, o certo e o errado?”

Não basta dizer que aí se colocam problemas éticos. Há também o que a Psicanálise acentua com insistência. Em outros termos, a realidade psíquica equivale à realidade referencial e, ainda, é preciso

<sup>13</sup> “Machado de Assis”, escrito por Mário de Andrade, está entre os ensaios reunidos em seu *Aspectos da literatura brasileira* (4a. ed.), São Paulo, Martins Fontes/INL/MEC, 1972, p.88-108.

<sup>14</sup> Os dois textos de Meyer podem ser encontrados em seu *A sombra da estante*, Rio de Janeiro, José Olympio, 1947, p.37-48 (o primeiro) e 51-61 (o segundo).

<sup>15</sup> Tivemos acesso apenas à 2a. edição do livro de Hécio Pereira. Rio de Janeiro, Ed. Brand, s/d.

<sup>16</sup> Cf. *Psicologia e literatura*, 2a. ed., São Paulo, Cia. Ed. Nacional, 1967.

<sup>17</sup> Ensaio contido na obra *Vários escritos*, São Paulo, Duas Cidades, 1970, p.15-32.



aceitar tanto os limites pessoais (a castração), como a impossibilidade de realização de nossos desejos. Aliás, são ainda de Candido as palavras que – como “a mão e a luva” – encaixam questões críticas ao pensamento psicanalítico: “dentro do universo machadiano, não importa muito que a convicção de Bento seja falsa ou verdadeira, porque a consequência é exatamente a mesma nos dois casos: imaginária ou real, ela destrói a sua casa e a sua vida”. A pergunta da primeira parte do parágrafo se explicita na interpretação textual do romance, porém permeia a obra de Machado, segundo o ensaísta. Ora, quem a propõe e articula as relações sublinhadas constitui um dos nossos maiores críticos literários cuja formação sociológica é largamente reconhecida.

Por fim, detenho-me em Alfredo Bosi – outro estudioso a incorporar a teoria freudiana de modo hábil e sub-reptício em seu discurso. Dois textos chamam a atenção, “Uma figura machadiana” (1978), centrado em *Memorial de Aires*, e “O enigma do olhar” (1997)<sup>18</sup> em *Dom Casmurro*. Em ambos, criam-se importantes relações entre o estético e os fios social e psicanalítico, verbalizando-se, literalmente, noções da Psicanálise. Dentre elas, os “instintos de vida e morte”, o desejo, a sublimação, “o tom melancólico, que tem muito a ver com o eroso frustrado como entenderam os moralistas medievais e barrocos atando a sensualidade à tristeza”. À semelhança de várias passagens, a citada também pode evocar Freud, sempre atento ao elemento cultural e seus desdobramentos no tempo. Aí, “tom” e frustração lembram as reflexões do psicanalista sobre o luto e a melancolia no que concerne a perdas afetivas.

Particularmente, enfocando a configuração de Bentinho, o ensaísta reforça a posição de Antonio Candido, concordando com a idéia de pouco importar se atuam “imaginário ou realidade” nas desconfianças do narrador/protagonista. Assinalando o “tom de malogro e esvaziamento” da memória que filtra o contar e não esconde a fragilidade existencial vivida, Bosi escolhe, talvez, a mais pungente e amarga das confissões de Bento amadurecido: “*falto eu mesmo, e esta lacuna é tudo*” – frase lapidar que poucos têm a coragem de proferir (até mesmo num divã...) – torna-se intensa na literatura, já que comporta a diferença entre o dizer e o escrever, revelando não um sujeito que aflora no momento da fala (à semelhança da análise pessoal na prática), mas um sujeito e seu esvaecimento, determinados pela palavra criativa que, no caso, permanecerá...

Com frequência, as lacunas a preencher constituem, imaginariamente, os pontos de engano de nossos desejos, o reconhecimento seco da “falta”, desprovido de cenas imaginárias, num contexto (o de

Bentinho) no qual “antes da separação definitiva advinha-se um último sopro de sentimento reprimido do amante”, envolvendo sutilmente o universo da Psicanálise, sem a presença explícita de sua terminologia. Recalque, desejo, logro, falta e, em especial, a percepção diluída das distinções entre realidade material e psíquica estabelecem as conexões fundamentais que, de alguma forma, contribuem para o perfil de nossa linha de pesquisa.

Paralelamente, continuam a surgir vários estudos que, embora incorporem dados importantes no intuito de respeitar particularidades literárias, não abandonam questões da Psicanálise ainda contestáveis pela Crítica literária. Em geral, bons trabalhos de mestrado ou doutorado, ainda não publicados, obedecem a certas trilhas teóricas que, por vezes, não alcançam dialogar apropriadamente com o texto literário, porém apresentam expressivas intuições literárias a serem resgatadas. O problema está em obter a mediadora conciliação dos campos de conhecimento, respeitando os elos entre a invenção literária, seus valores contextuais e marcas da tradição a que se vincula, sua singular elaboração verbal e os aspectos psicanalíticos – transfigurados nesse jogo artístico – escapando a soluções perigosas e cômodas, tais como diagnósticos, complexos, modelos identificatórios pre-estabelecidos, explicações e jargões, que invadem, descaracterizam o literário, acabando por levar à perda do deslocamento dos saberes na literatura. Tal deslizamento faz dela algo *irredutível*<sup>19</sup>, resistente a discursos cristalizados, provindos – é bom insistir – não só da Psicanálise, mas de qualquer área que a cerque. Ainda assim não se pode ignorar o valor histórico de estudos, concernentes a um modo de ler cuja direção busca relações em maior conformidade com o objeto literário escolhido<sup>20</sup>.

<sup>19</sup> Cf. sobre a questão, Roland Barthes, em *Aula* (São Paulo, Cultrix, 1978, (trad. de Leyla Perrone-Moysés).

<sup>20</sup> À guisa de exemplo, cito dois, porque publicados e voltados, especificamente, para aportes algo diferentes (os quais, sabemos, se integram quando possível): o laciano e o freudiano. Os trabalhos buscam focalizar vínculos entre Crítica literária e Psicanálise, devendo-se respeitar sua natureza e contexto (mestrado e doutorado provindos da Semiótica e Psicologia). O primeiro, *Dom Casmurro – escritura e discurso: ensaio em literatura e psicanálise* de Valéria Jacó Monteiro (São Paulo, Haecker/CesPuc/Fapesp, 1997), mostra sensibilidade literária, contudo dedica quase metade de seu texto à teoria laciana e contempla sobretudo a questão da escritura lúdica do romance, recorte que nem sempre dá conta das relações com a totalidade do romance – de certa forma, compatível com a proposta da autora. O segundo, *Freud e Machado de Assis: uma interseção entre psicanálise e literatura* (Rio de Janeiro, Mauad Ed., 2001) de Luiz Alberto P. de Freitas, embora empregue uma linguagem teórica relativizante, às vezes se deixa impregnar pelo olhar do psicanalista, dando margem a controvérsias. Veja-se, por exemplo, a passagem em que recobra os “modelos identificatórios” parentais que ancoram, com todas as letras, a “hipótese das dificuldades matrimoniais e a escolha homossexual inconsciente” [de Bentinho por Escobar] que vai provocar [seu] *ciúme projetivo* – aspecto bastante polêmico para a crítica machadiana.

<sup>18</sup> Os dois artigos de Alfredo Bosi encontram-se em seu *Machado de Assis. O enigma do olhar* (o primeiro já fora publicado anteriormente e o segundo aparecia pela primeira vez nessa edição), São Paulo, Ática, 1999.



Houve até aqui uma seleção algo premeditada de leitores machadianos que visavam integrar diferentes enfoques. Cabe lembrar que a Crítica literária brasileira teve uma trajetória particular, observando-se a ausência de nomes significativos que, baseados na patologia, psicobiografia, psicocrítica, fossem além delas. Nossa crítica parece não ter solidificado um viés contínuo e sistemático que sublinhasse intersecções entre a Psicanálise e outras correntes. Penso especifica e comparativamente no caso francês, mencionando Marie Bonaparte, Laforgue, Laplanche, Charles Mauron, autores representativos das vertentes citadas, e, mais, nos que não ignoraram esses caminhos, porém os ultrapassaram ou os reelaboraram, a saber, Bachelard, Barthes, Starobinski, Jean Pierre Richard, Derrida, Ricoeur, Jean Bellemin-Noël etc.<sup>21</sup>

Uma hipótese pode ser aventada para a questão brasileira, a partir da reunião de vários aspectos: no início, no âmbito da Psicanálise, é intensa, no Rio e em São Paulo, a tendência kleiniana; no fim da década de 1960, Bion e Winnicott ganham espaço e, nos anos 70, Jacques Lacan, presença forte no Colégio Freudiano do Rio de Janeiro. Em Recife, Porto Alegre, Campinas fundam-se associações ligadas a idéias lacanianas; São Paulo, lugar marcante nesse conjunto, aglutina igualmente inúmeros grupos de estudos, compostos de intelectuais de diferentes linhas, despreocupados (ou não) com institucionalizações<sup>22</sup>. Já foram assinalados (v. nota 9) os sérios entraves enfrentados para a aceitação da Psicanálise no Brasil como prática clínica, fato que, guardadas as devidas proporções, se estende às conexões teóricas aqui propostas.

Ora, reiteramos, no campo da Crítica literária, um viés de peso foi o textual e, paralelamente, nossas pesquisas – bastante tributárias da crítica francesa – se ancoram, no que diz respeito à Psicanálise, na corrente estabelecida por Jacques Lacan que relê Freud, apoiado em linguísticas (Saussure, Jakobson), filósofos (Kant, Heidegger), antropólogos (Lévy-Strauss), surrealistas (Bataille) e escritores de épocas diversas (Sófocles, Shakespeare, Poe, Claudel etc.), sugerindo a insistência de trilhas culturais abrangentes e responsáveis por um sistema de representação fundado na linguagem – aspecto que constitui avanços para o literário e reafirma uma das marcas freudianas: as relações entre a Psicanálise e a Cultura<sup>23</sup>.

<sup>21</sup> Dentre muitos, lembro de reuniões – desvinculadas de “centros ou associações” – das quais participavam Marilena Chauí, Leyla Perrone-Moysés, Regina Chnaiderman etc. e do Centro de Estudos Freudianos de São Paulo, coordenado por vários psicanalistas (entre os quais, Alduisio Moreira de Souza) e aberto a contribuições artísticas, em particular, a literatas.

<sup>22</sup> Cf., por exemplo, os aspectos históricos de tais relações nas obras de J. Bellemin-Noël: *La psychanalyse du texte littéraire / Introduction aux lectures critiques inspirées de Freud*, Paris, Nathan, 1996 e E. Roudinesco, *Histoire de la psychanalyse en France*, Paris, Seuil, 1986.

<sup>23</sup> Outras obras brasileiras, enfocando autores variados, têm ampliado tais confluências. Nosso ensaio limitou-se a perseguir uma pequena parcela da história dessa linha de

Logo, continuando a hipótese levantada, a Psicanálise como tal começa a se fortalecer nos meios universitários a partir dos anos 60/70. Pesquisadores dos mais profícuos absorvem noções e procedimentos teóricos expressivos, relendo Freud com os conhecimentos linguísticos, filosóficos, antropológicos que também sustentaram as reflexões lacanianas e intentam integrar as duas linhas de pesquisa mais consolidadas do ponto de vista da crítica brasileira – a histórica e a textual – ampliando-as, cada qual a seu modo, com o saber psicanalítico.

### Subsídios da Psicanálise: “nova velha leitura”

Pessoalmente, tenho me preocupado, nos últimos anos, em incorporar traços estéticos, tradição literária e *Subsídios da Psicanálise* que deem relevo a ângulos menos observados por outras correntes. Em tal direção, é ainda *Dom Casmurro*, romance norteador da maioria dos ensaios selecionados, que será retomado, com o intuito de focalizar um aspecto, aparentemente pequeno, porém exemplar quanto a suas possibilidades de leitura da obra machadiana. Exemplar, se atentarmos ainda para a valorização de dados psicanalíticos que lhe conferem efeitos inesperados de significação, qual seja, a escuta de falas cristalizadas e paradoxalmente ambivalentes para a economia textual.

Reavivando lembranças: o narrador/Bentinho, pertencente a uma família religiosa e de posses, se apaixona por Capitu, vizinha pobre, mas decidida. A mãe, D. Gloria, prometera, desde seu nascimento, encaminhá-lo para o sacerdócio, impossibilitando, portanto, a futura união dos meninos. Cria-se um impasse, participando dele José Dias, o agregado da família. Após atropelos, estada no seminário, artimanhas dos jovens e ponderações dos parentes, as personagens escapam da determinação materna e se casam.

Tempos depois, Bento acredita ter sido traído pelo melhor amigo da época do seminário, Escobar. O ciúme o domina a ponto de perceber semelhanças (?) no rosto do único filho e do velho companheiro. As desconfianças atingem Capitu, provocam a separação do casal e a moça parte para a Suíça, onde morre, anos mais tarde. Bentinho reencontra o filho, rejeita-o discretamente, continuando a viver solitário e “bem”, aos olhos de todos. Entretanto a monotonia e a busca de variação o impulsionam a compor um livro e a escolha do assunto – diversificada demais, sugestiva de uma aparente falta de objetivos – acaba por traí-lo e insinuar seu oculto desejo.

Como tema, acodem-lhe *jurisprudência, filosofia, política* ou a reiterada “História dos subúrbios”, porém a pena e as “inquietas sombras...” de outra ficção, a de *Fausto*, indiciam a procura dos tempos

pesquisa, especificamente, na fortuna crítica de Machado; daí as lacunas a serem posteriormente preenchidas, já que se faz necessário um estudo bem mais amplo e minucioso, contando com a contribuição de diferentes pesquisadores.





idos, cujos bustos de figuras de *traidores* famosos, pintados nas paredes da casa de infância, não alcançavam reconstituir<sup>24</sup>. O presente não se mostra tão leve e fácil como se poderia supor a um proprietário feliz e o que negava e deslocava aflora: o desejo de refazer o vivido, revisitando afetos e a memória sobre Capitu, a inesquecível *primeira amada de seu coração* e o mistério de um “resto” perdido e inquietante: *a Capitu da Glória já estava dentro da de Matacavalos [...]*? – questão encobridora de outra mais sutil e reveladora: Dom Casmurro-narrador, responsável por um “discurso” fugidio e insinuativo, já não se configuraria no Bentinho da “escuta” dissimulada de Matacavalos?

Para além das diferenças e sujeições sociais, em *Dom Casmurro* persiste a mão sutil de um autor, mestre em tornar a ambigüidade e o logro mediações para configurar os enigmas das personagens e “embaralhar” traços de seus perfis, a ponto de a linguagem estereotipada de José Dias, reflexo da moral burguesa, ecoar nos ouvidos de Bentinho-narrador de forma distinta e marcante, desvelando-lhe os ignorados desejos por Capitu e, posteriormente, sustentando os motivos para o ciúme desintegrador.

De modo algum, o agregado se mostra apenas mero mantenedor do “*status-quo*”, como quer parte da crítica; pelo contrário, constitui-se em veículo de uma linguagem cristalizada que adentra Bentinho e se rompe nele, “trabalha-o” no sentido de despertar-lhe a demanda amorosa e a desconfiança, transformando-se num dos expedientes verbais mais agudos da trama. Diz Bentinho:

[...] a denúncia de José Dias, meu caro leitor, foi dada principalmente a mim. A mim é que ele me denunciou.

Essa denúncia ocorre quando Bentinho é ainda menino. O agregado acabara de alertar D. Glória a respeito da ligação entre seu filho e Capitu, acentuando o risco de se *pegarem em namoro*, pois se mantinham *em segredinhos, sempre juntos*. Estamos no capítulo III, índice e início dos eventos futuros. Bentinho ouve a conversa, às escondidas, e o que experimentava sem o saber, pontuado pelo outro, ganha “novos” sentidos. Aliás, aí parece engendrar-se a pergunta anterior, reforçando-a: a renomada dissimulação, atribuída a Capitu, não estaria igualmente no menino que, ao ouvir proferir seu nome, deixa de entrar na sala de visitas e põe-se a escutar atrás da porta?

A sua maneira, no capítulo XII, o adolescente reconstrói o texto, fragmentando-o, selecionando o que o perturba e, retorna, alternadamente, por meio de vozes confusas:

“Sempre juntos...”

<sup>24</sup> Caberia destacar as possibilidades de diálogo que se estabelecem, ao longo do romance, com personagens e autores da tradição histórico-literária – um dos eixos complementares à leitura proposta –, entretanto, trabalho inviável no espaço deste artigo.

“Em segredinhos...”

“Se eles pegam de namoro...”

“Em segredinhos...”

“Sempre juntos...”

“Se eles pegam de namoro...”

Algumas das frases ouvidas (pulsão invocante?) o obsedam e propiciam a reconstituição de cenas e diálogos anteriores vividos com Capitu, re-significando-os. As metonímias, fios desejantes, dominam o momento e o espaço textual, deslocando a fala de José Dias, parcialmente recuperada e substituída por reticências, sugestivas do desejo suspenso e interdito até a *escuta* liberadora da conversa entre os mais velhos, cuja função é justamente coibir o desejo.

Sem dúvida, a fala comprometedora (impregnada de moralismo) de José Dias nada se assemelha à do analista – leve, vaga, alusiva<sup>25</sup> –, no entanto, ela passa a obsedar o adolescente, atingindo o leitor, diante de sua insistência descontextualizada e duplamente grafada numa ordem distinta. Inevitável a descoberta: “Com que então eu amava Capitu, e Capitu a mim?” A ambigüidade da denúncia provoca a pergunta retórica que vai desencadear o processo de lembrança dos vínculos entre Bentinho e a menina – vínculos permeados por sonhos e confidências, só agora compreendidos, pois sublinhados pela palavra de um terceiro. Triste ironia: essa palavra comporta maledicência e “*verdade*”. Logo, o papel de José Dias ultrapassa o espelhamento das relações submissas entre proprietário/agregado (embora elas também atuem), porque põe em movimento aspectos fundamentais para a economia da obra, incluindo o dado psíquico.

Seu discurso sentencioso, pleno de exageros e adulações faz, por outro lado, deslindar afetos “não sabidos”, ou seja, a insinuação do desejo nos interstícios de uma fala, na qual se inscreve a “*verdade*” do protagonista – que reordena, imaginariamente, sua história – subordinada ao Simbólico (identificado à linguagem, na acepção lacaniana<sup>26</sup>) – e, por analogia, desata “nós inconscientes”. Em termos mais amplos, a singularidade do sujeito-Bentinho abala o dado sociológico, ao mesmo tempo que o abrange.

Como diria Barthes, em *Aula*, o real está lá, os saberes estão todos lá, mas deslizantes, desentronizados enquanto certeza e afirmação. Encontram-se, portanto, em suspenso, à procura de um “sentido”, funcionalmente fornecido por alguma coisa que não se pode

<sup>25</sup> Lacan, *L'Étourdit, Scilicet*, v.4, Paris, Ed. Du Seuil, 1973, p.5-52.

<sup>26</sup> Simbólico é aqui pensado – inseparável do Real e do Imaginário – como um dos registros lacanianos ligados ao Inconsciente. Em linhas bem gerais, “designa um sistema de representação” apoiado na linguagem, que inclui também o Inconsciente, bem como interditos e leis vinculados ao sistema cultural ao qual pertencemos. Entre vários dados, pode-se dizer que a função simbólica organiza as “situações peculiares a cada sujeito” (Cf. J. Lacan, em seu *Le séminaire, livre I, les écrits techniques de Freud*, Paris, Seuil, 1975, p.88).





estabelecer *a priori*, mas *a posteriori* e a partir do complexo jogo do imaginário e da linguagem (semelhante, nesse aspecto, ao trabalho psicanalítico).

A adequação e a coerência entre o romance e a vertente teórica tornam-se, assim, conjunção básica para qualquer abordagem textual que se queira frutífera, não se escapando de lidar com processos da Psicanálise. No caso de *Dom Casmurro*, a ponta do drama a ser “vivido” pelo narrador-personagem se inicia com a *palavra alheia*, em seus ecos e na cadeia significativa da qual ele jamais se desenreda.

Se, na esteira da crítica<sup>27</sup>, a questão histórica concernente à crise da organização do ciúme como sentimento-síntese pode se sustentar em vasta problemática social que envolve as diferenças econômicas entre o casal-protagonista, justificando afetos e conflitos, o apoio teórico psicanalítico permite uma perspectiva a mais. É essa abertura que busca a revelação mais vasta do traço humano, ou seja, o ser ficcional submetido ao logro do destino e do enamoramento, na suma de sua existência, não inteiramente resumível, mas propiciadora da rememoração (próprio do humano) e da arte. Dessa forma, o sociológico, o político e o cultural *tout court* se revestem de outros dados, que vão além do localismo e repropõem o Machado de preocupações amplas.

Conforme se nota nas primeiras passagens de *Dom Casmurro*, as falas do agregado – talvez impostas por seu servilismo à família – atuam em Bentinho inversamente ao previsto: não suscitam nele dúvidas pré-concebidas a respeito da companheira; muito ao contrário, acordam uma emoção, com todas as letras “nova e doce”. Insuspeitada até então, a emoção sobrevém “pela boca de José Dias” e deforma o discurso ouvido, desfazendo-lhe a tonalidade em função do desejo.

Guardadas as devidas diferenças, o equívoco pode operar tanto na interpretação psicanalítica, quanto na construção estética. No romance, mesmo os ditos cristalizados podem ganhar “duplo sentido”, pois submissos ao Simbólico: o agregado atinge seus ouvintes não apenas no que quer, mas no que lhe escapa. Bentinho rearticula sua fala-clichê, tornando-a renovadora, singular e íntima. Assinala-se aí o jogo sub-reptício da Psicanálise: na fala cotidiana, banal e preconceituosa, algo pode despontar como “verdade”. Para a mãe, a escuta leva à urgência dolorosa do voto; para o filho, à de livrar-se do desejo alheio e reencontrar o próprio. Mais tarde, já no seminário, uma pitada de veneno – o ciúme – se instaura, depois de uma resposta-chavão do mesmo José Dias a respeito de Capitu:

Tem andado alegre, como sempre; é uma tontinha. Aquilo enquanto não pegar algum peralta da vizinhança que case com ela[...].

Desatento e imprevidente, tal comentário faz oscilar a força de Eros; de novo a fala do agregado se interrompe, “morde”, desestruturando e inquieta Bentinho. A passagem repete, às avessas, a cena da descoberta do amor. Revela-se ao jovem um *sentimento cruel e desconhecido, puro ciúme, leitor de [suas] entranhas*. Por outro lado, a fala sustenta devaneios e sonhos: a amada já teria um namorado. Um sonho (ou “metades” dele) o incomoda excessivamente: restos diurnos, produtos da conversa perturbadora, engendram as imagens de um “peralta” junto a Capitu e, em seguida, o equívoco se esclarece: o “rival” era apenas um entregador da lista de prêmios de loteria, cujo bilhete saía em branco. Na segunda parte do sonho, fica apenas a amiga e ele toma-lhe as mãos, porém acorda só.

Dupla ironia: bilhete branco e solidão. Para além da realização onírica do desejo, da presença de restos diurnos ou da negação do devaneio – procedimentos largamente reconhecidos pelos leitores de Psicanálise – interessa, aqui, a rede significativa instaurada por José Dias, que age na facção pessoal do jovem apaixonado, graças a expressões veiculadoras de comportamentos pré-concebidos ou “verdadeiros”. Restos misteriosos da trama, para sempre perdidos.

Nesse ponto a releitura de Freud contribui, de maneira exemplar, na apreensão do literário. Para o leitor, Bentinho se constituirá sob os efeitos de uma simbolização impossível, criando ilusões a partir do verbo de José Dias e submetendo-se a um nó psíquico – o ciúme – jamais esclarecido. A incerteza sobre a traição posterior de Capitu com Escobar persistirá; todavia, as passagens citadas preparam as dúvidas e uma faceta do romance. Sublinho bem, uma faceta: o da possibilidade da criação fantasmática do ciúme, ancorado, até então, na palavra-clichê, na alusão ao drama shakesperiano de Iago, centrado num trágico logro, além de em devaneios e sonhos divididos.

Nos capítulos seguintes, uma série de acontecimentos conduzem Bentinho à convicção do adultério de Capitu-esposa, destruindo-se a ideia romântica do primeiro amor e o final harmônico do par. Todavia, insistimos, o alvo aqui é o papel de José Dias (recorte brevemente rastreado no conjunto da narrativa), porque a personagem reproduz, em seus ditos, parte do conservadorismo patriarcal – suporte da advertência efetuada no capítulo “A denúncia” e espécie de representação do universo a ser repetido por Bento, incluindo dados psíquicos. Assim, atribuir-se o fim solitário do protagonista apenas à incorporação desse mesmo conservadorismo é ignorar a outra face da moeda: o amor aí revelado, primeiro elo da cadeia que se estenderá ao ciúme despertado no seminário e aos planos de sair dali.

Como se verifica, a ambivalência de traição pode ser condensada textualmente nessa cena. A frieza, a ironia e as damas “caprichosas”, das últimas linhas da obra, não fazem Bentinho esquecer Capitu, objeto fun-

<sup>27</sup> V. sobre tais elos – nos quais a marca da História ganha força maior – *Impostura e Realismo* (São Paulo, Cia. das Letras, 1991) de John Gledson e a “A poesia envenenada de *Dom Casmurro*” ensaio contido em *Duas meninas* (São Paulo, Cia. das Letras, 1997) de Roberto Schwarz. Aliás, vale ressaltar que, no primeiro livro, a palavra de José Dias também ganha importância, enfocada sob outro prisma.



damental das memórias, escritas com o intento falhado de “[...] atar as duas pontas da vida, e restaurar a velhice na adolescência”. A espantosa indiferença final não dá conta do esquecimento e os primeiros capítulos trazem um lirismo ainda presente no narrador.

Dissimulado, conta ter como intenção inicial escrever uma “História dos subúrbios”. Aparentemente, essa intenção fracassa, porque mascara o desejo de reconstituir sua história pessoal, de recobrar a célebre tarde da “denúncia” e a “doce” descoberta do amor – evocação que, dentre outras melhores, nunca se lhe *apagou do espírito*. Rememorar é reconstruir o vivido à sua maneira, confessando, literalmente, novos fracassos:

[...] Pois, senhor, não consegui recompor o que foi nem o que fui. Em tudo se o rosto é igual, a fisionomia é diferente. Se só me faltassem os outros, vá: um homem consola-se mais ou menos das pessoas que perde; mas falta eu mesmo, e esta lacuna é tudo.

De fato, pouco importa a polêmica da existência ou não do adúltero. Impossível – felizmente! – resolvê-la; no entanto, observar a presença de um “saber” que se distancia da leitura sociológica sem a eliminar, oferecendo outra perspectiva a partir das mesmas características de uma personagem, significa nova contribuição e, ainda mais, respeito à amplitude da obra que permanece, exatamente, por tornar os modos de leitura – as “linguagens críticas” – equivalentes, desde que adequados ao objeto. Em nosso caso, tal validade continua a ser determinada pelos componentes singulares de cada obra.

Sem dúvida, a leitura do crítico dependerá também de seus desejos, valores culturais e ideológicos, fundamentais ao desconcerto provocado pelo contato inicial com a palavra diferenciadora do autor. Todavia, nas leituras subseqüentes, o Simbólico pode dar conta das produções imaginárias suscitadas pelo literário, relançando a experiência incorporada em nova rede, na qual se encontram, retomando Lacan, *um saber e uma verdade* deslizantes, pois representativos de um lugar – o da fala (mais volátil e fugaz) – e, eu acrescentaria, o da escrita igualmente passível de reflexões incessantes e inovadoras. Reiteramos, as marcas desse “novo” aporte já se apresentam no polêmico legado freudiano, fundamental para a cultura, desde o final do século XIX.

Por sua vez, o crítico deve perceber que, paralelamente aos limites internos, há os externos, tais como a impossibilidade de se fazer história literária via manancial psicanalítico. A meu ver, aí se impõem as fronteiras de um enfoque cujo alvo seja o alcance do literário, pelo viés de conhecimento “fora” de sua esfera. Logo, justifica-se a expressão “modos de leitura” e, neles, o sistema sutil de relações com aspectos da Psicanálise. Ao refletir sobre os vínculos entre Arte e Psicanálise, Paul Ricoeur destaca os cuidados de Freud em delimitar sua área, considerando que, entre os fenômenos da cultura, ela diz respeito à “economia

do desejo e das resistências”. A lição enfoca a idéia de limite e sua função de estabelecer a validade interna de uma teoria.

Fiel à própria linha de pensamento, o mestre vienense vai além de sua especificidade para nos legar uma forma de olhar adotada em muitas de suas sistematizações: as convergências entre diferentes saberes, reconhecendo a arte como fonte de conhecimento, nem sempre acessível para a ciência, porque vinculada aos “mistérios da alma” – tão persistentes na ficção desafiante do “bruxo” do Cosme Velho. Freud e Machado, cada qual de seu campo e lugar, contribuem tanto para complexos diálogos na vasta tradição do saber ocidental quanto para maneiras de ler e interpretar textos e existência, validando as *confluências* mais do que qualquer trabalho teórico dedicado à questão.